

TELEVISÃO NO MOMENTO DAS REFEIÇÕES

LETICIA AMARO DE CASTRO¹; MÔNICA CHAVES ABDALA²

Resumo: Este artigo discute a importância social da refeição como propiciadora de sociabilidade e de ritualização, tendo em vista a presença cada vez maior da televisão nesse momento e as várias mudanças relativas ao hábito de se alimentar na contemporaneidade. A pesquisa, que contou com bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), analisou a refeição noturna, com a utilização de metodologia qualitativa, tomando como base o relato de estudantes, professores e funcionários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assim como funcionários de empresas terceirizadas e de prestadoras de serviços na instituição.

Palavras-chave: Refeição em casa; Televisão; Ritual; Sociabilidade.

Resumé: Cet article propose de discuter l'importance sociale des repas en famille, sources de rituels et de sociabilité, en raison de la présence croissante de la télévision au moment des repas et des changements survenus dans les habitudes alimentaires contemporaines. Des repas du soir ont été analysés suivant les critères d'une méthodologie qualitative, à partir de récits obtenus auprès d'élèves, de professeurs et de fonctionnaires de l' Université Federal de Uberlândia ou encore d'employés de sociétés tierces ou d'organismes qui prêtent service à cette institution. La recherche a été financée par le CNPq.

Mots clés: Repas à la Maison; Télévision; Rituels; Sociabilité.

¹ Discente do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais – UFU. Av. João Naves de Ávila, n. 2160, Bloco 1H/Sala 24. Campus Santa Mônica. 38498-100. Uberlândia/MG. leticiacastro26@yahoo.com.br.

² Docente do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais – UFU. Av. João Naves de Ávila, n. 2160. Bloco 1H/Sala 24. Campus Santa Mônica. 38498-100. Uberlândia/MG. mcabdala@ufu.br.

1 Introdução

Neste artigo analisamos a refeição noturna feita em casa e as relações sociais estabelecidas considerando a presença da televisão. Partimos do pressuposto de que esta seria a principal refeição do dia, por possibilitar a reunião familiar depois de um dia de trabalho.

Consideramos que a alimentação é um fator estruturante de relações sociais e de rituais, um dos pilares do grupo familiar, que tem passado por diversas modificações na contemporaneidade, dentre elas a introdução da televisão.

De acordo com a pesquisa “Brasileiros comem mal”, divulgada pelo jornal Folha de São Paulo (17/02/2008), a televisão passou a acompanhar as refeições de 43% dos brasileiros. Este aparelho seria, ao mesmo tempo, um meio de comunicação que uniria o mundo em informação e entretenimento e que poderia manter os mais próximos distantes, interferindo no diálogo costumeiro.

A respeito do tema, a maioria dos estudos trabalha a interferência desse hábito para a saúde ou pensa a interferência da TV nas relações sociais de modo geral. A mesma ênfase não é dada ao papel desta na interação familiar no momento das refeições. Sobre este aspecto encontramos o estudo de Pereira intitulado *A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*, que investiga, em Portugal, o processo de mediação dos pais com as crianças nesse momento.

Diante da relativa escassez de reflexões cujo enfoque nos interessa, nos sentimos estimuladas a pesquisar se a televisão exerce um papel significativo nos hábitos alimentares e nas relações familiares durante as refeições.

Partimos da concepção de que o estudo do cotidiano, como dos hábitos de comer e ver TV, nos permite observar mudanças em curso antes que se apresentem em grandes estruturas. O cotidiano, local de transformações e construção da história, tem como protagonistas as pessoas comuns e buscamos nele apreender a construção de novos hábitos e formas de sociabilidade relativos ao jantar.

Procuramos observar também se a presença do aparelho ocorre e é vista de modo diferente em distintas configurações familiares e de co-habitação, por pessoas de diferentes faixas etárias e sexos. Dessa forma, escolhemos o *Campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como local da pesquisa de campo, realizada em 2009, por meio de entrevistas com estudantes, professores, funcionários e trabalhadores terceirizados que prestam serviços no *Campus* (setores da limpeza e da segurança), assim como funcionários de agências de serviços (bancas de revistas, copiadoras, cantinas, bancos etc).

Nossa reflexão se fundamenta na análise da forma como o grupo familiar se constituiu no que é hoje, sua importância, suas modificações e as diversas configurações domiciliares em que podemos observar o hábito de se alimentar em frente à TV; além disso, na importância social da alimentação no estabelecimento de rituais e de relações sociais, suas mudanças e a influência da TV em nosso cotidiano e na alimentação.

1.1 A família e seu espaço

Ariès (1981) nos mostra que a família tal como conhecemos é fruto de um processo histórico de mudanças do tipo de sociabilidade vivida na Idade Média, em que havia indiferenciação entre o espaço público e o espaço privado, inexistindo um sentimento de família como o característico da época moderna.

Até o século XVII, predominava um tipo de sociabilidade extensa, em que todos se conheciam, iam para as ruas, mercados, participavam de jogos, visitas, conversas e trocas na coletividade. O ofício e o convívio absorviam as pessoas e os espaços e mesmo a casa, para nós local de sociabilidade frequentemente familiar, tinha uma função pública, pois, era nas grandes casas que clientes, parentes, amigos e protegidos se reuniam, dada a inexistência de locais públicos com essa finalidade, que pudessem ser frequentados por “pessoas de bem”, como foram os cafés (Ariès, 1981).

Ainda para Ariès (1995) houve uma mudança de mentalidades no momento em que essa sociabilidade foi substituída por outra fundada nas relações familiares. Nessa mudança foi observada a distinção entre o espaço público e privado; desenvolvimento da noção de intimidade, de preservação do próprio corpo; da noção de polidez; de respeito à privacidade em contraposição a certa promiscuidade anterior; também se desenvolveu o gosto em estar só; de amizades restritas e o sentimento de família, que deixaria de ser uma família-casa, que abrigava a muitos, para se tornar um grupo menor, nuclear, uma família sentimental, a família burguesa, que teria seu espaço doméstico separado do profissional e do mundano.

Família que se constituía como uma comunidade-tipo tönnesiana, na qual o homem se pautaria por valores integrativos como a afetividade, o costume, a colaboração, a partilha e de formações sociais coesas, sendo um elemento em um conjunto (Miranda, 1996). Nela os indivíduos escapariam de uma solidão moral, se refugiarão, e se defenderiam do olhar dos outros. Ela seria o centro do espaço privado e lugar de afetividade e proteção à infância, pois, até então, as crianças viviam e aprendiam imitando os adultos, e não se tinha a noção de inocência a ser preservada. No processo de aprendizagem elas saíam de seus lares para aprender um ofício e regras de convivência em outras casas. A família passa, então, a cuidar

da educação e preservação dos próprios filhos e corresponde à necessidade de intimidade e identidade na união de seus membros, pelo sentimento de afetividade nascido da coabitação, assim como por valores, hábitos, costumes e gênero de vida, se estendendo da burguesia para as demais camadas sociais (Ariès, 1981).

Esse formato de família se contraporia aos valores da sociedade-tipo tönnesiana e da contemporaneidade em que o indivíduo tem como referência a si próprio e os valores da liberdade, da competição, da objetividade, da utilidade e dos interesses, que tenderiam a isolá-lo (Miranda, 1996).

Na literatura nacional sobre a temática, a análise de Roberto DaMatta (1987) traz reflexão sobre a casa, entendida como símbolo e expressão da vida familiar, como código que, em oposição e complementaridade à rua, é fundamental para compreensão da sociedade brasileira. Segundo o autor a casa seria:

[...] Um santuário, mais do que um local de lutas e discórdias. Um ninho, mais do que uma fábrica onde pessoas vivem num tempo controlado por um dono, um patrão, uma lógica impessoal e sem controle. Um espaço infenso ao tempo linear, onde as coisas “lá de fora”, do mundo e da rua não atingem, com seus novos valores de individualização e subversão, a sua velha e boa ordem estabelecida pelas diferenças de sexo, idade e “sangue” (DaMatta, 1987, p.580).

A casa teria importância crucial, pois seria local para se estar à vontade e se sentir bem, um “[...] espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, local de tudo aquilo o que se soma e define nossa idéia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’ [...]” (DaMatta, 1987, p. 61-62).

A casa, portanto, seria espaço da afetividade e da construção de hábitos e valores comuns, possibilitados pela coabitação – nem sempre com a família³. Dessa forma, ao analisar o hábito de comer e ver TV no jantar, procuramos observar em que medida esse local pensado como espaço de “acolhimento” do indivíduo, de laços entre os membros reforçados em hábitos cotidianos, como a refeição em família, poderia estar se modificando e até mesmo possibilitando um crescimento do processo de individualização durante as refeições.

³ Partimos da análise do autor, no entanto, sem a pretensão de afirmar que na casa não ocorreriam conflitos ou formas de individualização.

1.2 Novos arranjos domiciliares e mudanças nos hábitos alimentares

Segundo Berquó (1998), mudanças e permanências marcam a estrutura familiar brasileira apesar da predominância de seu caráter nuclear. Com a aprovação da Lei 6.515 de 1977, o divórcio foi instituído no país permitindo que se contraísse novo matrimônio, pois o desquite de até então consentia apenas a separação sem perda de vínculo. Cresceu, desse modo, o número de separações e divórcios e o número de famílias monoparentais, formadas por um dos pais e filhos. Cresceu também o número de “uniões conjugais sem vínculos legais” (Berquó, 1998. p. 414), assim como uniões estáveis sem coabitação.

Aumentou a quantidade de casais sem filhos, reduziu o número de filhos por casal, assim como a situação de morar sozinho “ganhou terreno”, declinando a família ampliada ou estendida (Berquó, 1998). Mas, de acordo com Berquó, as maiores mudanças estariam ocorrendo no interior do núcleo familiar com a alteração da posição relativa da mulher, tendendo à maior igualdade e a novos padrões de relacionamento entre seus membros.

Os arranjos familiares constituem a maioria dos arranjos domésticos, porém, com as migrações internas pela falta de trabalho ou escola nos locais de origem, entre outros motivos, fragmentos de famílias ou membros sozinhos se deslocam formando novos arranjos, nos quais jovens vivem sós, ou com outros jovens, fora da casa dos pais, assim como ocorrem casos de adultos aparentados ou não vivendo juntos (Berquó, 1998).

Em meio a tantos arranjos domiciliares e familiares, grupos de pessoas que estabelecem vínculos de afetividade e intimidade pela coabitação, analisamos o hábito de assistir televisão no momento das refeições, tidas como momentos privilegiados de convívio. Nesse contexto, pensamos a alimentação como fonte de ritualização e sociabilidade no cotidiano e as mudanças sociais que, por sua vez, a modificam.

Simmel (2004) foi um dos primeiros estudiosos a apontar que a alimentação é um processo fisiológico extremamente individual, que recebe do homem sentido social no estabelecimento da regularidade da hora de se comer, de regras de conduta à mesa, de como utilizar garfo e faca, da gesticulação a ser feita, dos assuntos a serem tratados, assim como da estética do ambiente e dos pratos. A alimentação tem um forte papel socializador nas interações sociais porque, ao mesmo tempo que as porções que se come são individuais, o ato de comer juntos dá uma idéia de comunhão entre as pessoas. Além disso, pode unir pessoas que não têm assuntos comuns ou até mesmo são inimigas: “O comer e beber juntos – que para o árabe permite transformar um inimigo mortal desconhecido em um amigo – libera uma enorme força socializadora” (Simmel, 2004, p. 160).

De acordo com Visser, na refeição familiar seria celebrada a interligação e o autocontrole dos membros do grupo, bem como renovados nossos relacionamentos e nossas forças. Nos seus dizeres:

[...] poucos de nós sentimos vontade de comer sempre sozinhos. A comida é ainda nosso relaxamento ritual, uma 'pausa' no dia de trabalho, nossa oportunidade de escolher companheiros e conversar com eles, a desculpa para recriar nossa humanidade, bem como a nossa força [...] (Visser, 1998, p. 23).

No entender desta autora, por precisarmos e continuarmos a comer, nós humanos nos esforçamos para transformar a comida em mais do que ela é, tornando-a forma de arte, meio de troca, diferenciação de classe, de nacionalidade e forma de interação social.

Podemos também considerar a alimentação para além de forma de socialização, como fonte de ritualização. O rito, como considerou Durkheim, corresponderia a uma necessidade individual e/ou social, unindo o passado e o presente e o indivíduo à comunidade. Ele produziria estados mentais coletivos pela reunião do grupo no qual os indivíduos experimentaríamos sentimentos comuns, expressos em atos também comuns.

Os rituais existem onde se produz sentido, simbolizações presentes nas relações sociais, conforme Mary Douglas. Dessa forma, podem-se classificar gestos cotidianos como tais “[...] sob a condição de significarem algo diferente daquilo que são ou fazem, conforme Mauss afirmava a propósito do rito. O rito existe onde se produz sentido” (Segalen, 2002, p. 29).

Assim sendo, o hábito coletivo de se alimentar pode ser tratado como um ritual quando a alimentação é transformada em algo mais que a ingestão de alimentos propriamente dita, como forma de socialização, estabelecimento de regras, como vimos em Simmel (2004) e Visser (1998) e como também aponta Poulain (2006, p. 256), segundo o qual a alimentação é uma forma de ritualização, pois:

[...] envolve um conjunto de rituais que cercam o ato alimentar no sentido estrito, ou seja, a incorporação. A estrutura da jornada alimentar (número de tomadas alimentares, formas, horários, contextos sociais), a definição da refeição, sua organização estrutural, as modalidades de consumo (comer com a mão, com palitos, com faca e garfo...), a localização das tomadas alimentares, as regras de colocação dos comensais [...] variam de uma cultura para outra e no interior de uma mesma cultura segundo os grupos sociais.

Notamos, no entanto, que o hábito de se alimentar tem passado por diversas modificações que repercutem nas formas de socialização e ritualização nos termos acima apontados.

Cascudo (1983) nos mostra, através de relatos de cronistas, que no século XVI tínhamos no Brasil três refeições regulares: o café da manhã, o almoço e a ceia; o primeiro no início do dia, o segundo ao meio dia e o último ao anoitecer. As nossas denominações eram diferentes das européias, para estas, o almoço era a primeira refeição seguida do jantar e da ceia. Foi nas últimas décadas do século XVIII que recebemos as mesmas denominações da Europa, mantendo o nosso café da manhã.

Por volta de 1800 “[...] a refeição principal consta de um jantar ao meio-dia, por ocasião da qual o chefe da casa, sua esposa e filhos às vezes se reúnem ao redor da mesa [...] As virtualhas constam de sopa, em que há grande variedade de legumes, carne-seca e feijão” (Luccock *apud* Cascudo, 1983, p. 712). Ainda de acordo com Cascudo:

As mudanças surgiram no séc. XX com a velocidade utilitária dos interesses materiais. Foi preciso atender ao ímpeto da vida moderna. Os horários das repartições públicas foram sendo transformados. A interdependência internacional determinou a meia-universalidade dos hotéis, 7-9, 12-14, 19-21 horas (Cascudo, 1983, p. 701).

Para além de uma mudança dos horários de se comer, a partir do que Cascudo denomina “ímpetos da vida moderna”, podemos ver com Ortiz (1996) que a refeição hoje é submetida a uma organização individual do tempo em função das atividades de cada um. Algo que mudou, pois antes a refeição era momento ritualístico da família, um de seus pilares, cujo costume manteria sua coesão (Ortiz, 1996).

Carmen Rial, que também trata de mudanças em hábitos alimentares, mais especificamente de *fast-foods*, nos mostra que as ocorrências alimentares antes serviam para pontuar a jornada, interrompiam o trabalho e instauravam uma esfera de sociabilidade familiar, e uma dualidade repouso-trabalho, que no mundo moderno parece ultrapassada. “A atividade domina, a refeição já não fraciona a jornada: come-se trabalhando (o *business-lunch* dos americanos), come-se lendo ou escrevendo, assiste-se a televisão comendo” (Rial, 1996, p. 95).

Em estudos que analisam o hábito de comer fora no Brasil, Abdala (2003, 2005) observa mudanças no predomínio das refeições cotidianas realizadas em família, nas casas, durante séculos, quando a cozinha “era espaço privilegiado de convívio e relações sociais” (Abdala, 2005, p. 98) e o espaço doméstico, de sociabilidade em torno do alimento, tanto no dia-a-dia como em banquetes e saraus. Em meados do século XX, o crescimento característico das grandes cidades brasileiras, as grandes distâncias e os sistemas precários de transporte trouxeram a necessidade de se alimentar fora de casa. Na capital mineira, Belo Horizonte, observa que o hábito de refeições cotidianas em casa predominou até a década de 1980.

[...] forma e conteúdo das refeições são redefinidos num mundo em que homens e mulheres vivenciam novos arranjos familiares, e em que a reestruturação das relações entre os sexos é uma realidade. Dessa forma, a reprodução do processo vital deixa de ser associada unicamente ao espaço doméstico. Passa-se menor tempo em casa, ocupando-o com a TV, com formas variadas de lazer, com cuidados relativos à própria educação ou a dos filhos e filhas – que envolvem um crescente número de atividades (Abdala, 2005, p. 117).

Na sociedade do trabalho, os ritmos e tempos de comer, ou ligados ao ato de cozinhar, foram totalmente subvertidos em relação ao ritualismo e à civilidade convencionados no período pré-moderno. É possível exercer qualquer outra atividade enquanto se come (Abdala, 1999, p. 88).

No estudo sobre o almoço nos restaurantes *self-service*, Abdala (2003, 2005) mostra que famílias inteiras passam a fazer suas refeições diurnas nesses locais, como uma forma de reunião, que em casa já não ocorreria do mesmo modo, pela dispersão de seus membros em outras atividades como a televisão, o telefone e a correria para sair de casa. Nos restaurantes os horários dos familiares poderiam ser conciliados pela facilidade de deslocamento e rapidez, e com tranquilidade, longe de atividades que os absorvessem, em ambientes que se identificam com a casa e trazem a opção de uma comida caseira. Transferindo um hábito caseiro para o espaço público também economizariam tempo e trabalho no preparo das refeições e posterior limpeza.

Em relação ao jantar, Visser (1998) observa que nos Estados Unidos ele significa cada vez mais qualquer refeição feita à noite, sendo leve ou pesada e que pode ser bastante rápida e pequena, mas que, na modernidade, em que as pessoas se encontram ocupadas, oferecer um jantar aos amigos seria uma das maiores homenagens que se poderia fazer, pois o horário noturno, exceto celebrações anuais, como Natal e Páscoa, seria o único tempo livre.

Já a pesquisa de Abdala (2003) sobre refeições fora de casa mostra que o jantar para alguns autores ainda é considerado a principal refeição, pela reunião da família dispersa durante o dia, em países europeus e no Brasil. Porém, no universo por ela analisado, o costume está em declínio, embora não estabeleça generalizações, pelo fato de não haver uma pesquisa geral da população brasileira que comprove em que medida persiste ou não o hábito de jantar.

Buscamos, então, analisar se em meio a tantas mudanças o jantar faz parte do cotidiano de nossos entrevistados, ou se é substituído por outra tomada alimentar não estruturada, que reúna os habitantes de uma casa, analisando também se e como a TV está presente nesses momentos. Tratamos, então, a importância do hábito de ver TV na vida dos brasileiros e algumas discussões em torno de seu papel na sociabilidade.

1.3 A TV no cotidiano e o momento da refeição

Junior (2005) mostra que a população brasileira passa em média quatro horas por dia com os olhos “vidrados” na TV, aparelho que pautaria nossas conversas, ditaria nossa hora de dormir, a decoração de nossas casas e a qualidade do que comemos e sabemos. Dados apresentados por ele e Penhalver, como o de que 2 milhões de domicílios no Brasil têm TV e não têm geladeira, um utensílio fundamental para a conservação dos alimentos, reforçam a importância que o aparelho tem assumido na vida dos brasileiros (Junior; Penhalver, 2005).

Em relação ao que comemos e como comemos ressaltamos, embora não seja nosso foco central, que excesso de TV, vídeo-game e computador também contribuiriam para a obesidade na infância e na adolescência, pois a tendência das pessoas quando comem na frente da TV é ingerir alimentos mais calóricos e com gordura (Penhalver, 2005). Uma pesquisa encomendada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica⁴ mostra que as pessoas que comem assistindo à televisão não prestam atenção no que comem, o fazem em maior quantidade e não mastigam de maneira adequada. Já outra pesquisa, realizada pela Universidade norte-americana de Minnetosa com 5.000 crianças e adolescentes⁵ aponta que não é bem a TV a responsável pela má alimentação, o fator decisivo seria estar ou não com a família. Aquelas crianças e adolescentes que comem com os pais consomem alimentos mais ricos em vitaminas, mais verduras e frutas.

A TV tem lugar de destaque nas casas, pois estaria situada ao lado de pequenos altares domésticos (Hamburger, 1998). Além disso, Piza (2005) chama a atenção para o fato de que se sentaria em família diante da televisão como os “primitivos” se sentavam ao redor da fogueira.

Brittos⁶ aponta profundas mudanças, com a chegada da televisão no país, nos hábitos tradicionais de reuniões familiares em que se comentava os acontecimentos do dia, se dava conselhos, se faziam visitas, se jogava ou se realizavam diversas atividades. Tais encontros continuariam existindo, embora reduzidos, ao redor da TV. No entanto, mesmo esse hábito seria comprometido pela diversidade da TV a cabo e existência de várias TVs em casa, que dispersariam os membros da família nos momentos de lazer diário.

⁴ Disponível: <http://www.espasaude.com.br/pdf/frituras.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2009

⁵ Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u337758.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2010.

⁶ Disponível: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-tv-cabo-dispersao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2009.

Segundo Muniz (2008) as pessoas passariam a ter uma relação comunicacional com o veículo, na qual se sentindo incomodadas bastaria desligar o aparelho, enquanto que na relação humana seria diferente. Com o fascínio pela televisão provocado no homem, este se tornaria mais solitário, pois deixaria de se preocupar com vizinhos e amigos para se preocupar com personagens (Muniz, 2008).

Numa visão diferente, Piza (2005), Hamburger (1998) e Brittos colocam que o convívio humano direto não teria sido abolido, mas sim que a TV teria passado a mediar parte significativa de nossas relações sociais.

Segundo Hamburger (1998, p. 441), “[...] a TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária”, fornecendo um repertório comum por meio do qual as pessoas de diferentes classes sociais, gerações, sexos e regiões se posicionariam umas em relação às outras, ou seja, ao contrário de afastar as pessoas a TV passaria a fazer parte de suas conversas, ser assunto comentado.

É inegável, porém, uma invasão do espaço privado por temas públicos e o tratamento de preocupações anteriormente restritas ao âmbito doméstico, agora realizadas em âmbito público pelo aparelho, conforme observado por Hamburger (2005). Algo que se tornou motivo de preocupação e é tratado por Schwarcz (1998) em suas considerações sobre o espaço privado contemporâneo, cuja privacidade é sitiada:

[...] até dentro de casa não se está mais na “intimidade do lar”. Visitantes cujas regras de etiqueta não primam pela discricção, como a televisão, o computador e a internet, fazem com que mesmo no âmbito doméstico se esteja conectado com o mundo de fora, que cada vez mais esfumaça as fronteiras entre o público e o privado (Schwarcz, 1998, p. 9).

Dessa forma, tornou-se necessário refletir se a “invasão” da qual falamos acima compromete hábitos de coesão entre os membros das famílias ou entre as pessoas que convivem no âmbito doméstico, analisando se a refeição noturna continua a ser instante de sociabilidade, pensando uma possível interferência da TV, frente a constatação de que 43% dos brasileiros comem diante desta.

Pereira (1998), em Portugal, estudou a presença da televisão nas famílias, levando em consideração o número de televisores, o local em que se situam e o uso que se faz deles, nos propiciando elementos para pensar nossas próprias questões.

Observou que ver televisão naquele país é uma atividade realizada diariamente por todas as famílias que participaram de sua pesquisa e que existem diversos modos de consumo televisivo, que são influenciados pelo horário de trabalho, tipo de ocupação e estilos de vida da família.

Notou a presença da televisão na hora da refeição, principalmente na hora do jantar, porque poucas famílias se reúnem na hora do almoço e observou também que a presença da televisão neste momento é revestida de diversos significados. Para alguns, a TV estar ligada no momento da refeição não provoca qualquer tipo de discussão, é uma situação de consenso e pode significar que, tanto ela pode ter um papel secundário neste momento, não impedindo que os membros conversem, quanto que todos estão em silêncio por alguém estar interessado em assistir certo programa, não sendo permitidas interrupções, o que não é contestado, de modo a evitar conflitos.

Em outros casos o fato de estar ligada gera conflitos que ocorrem, ou quando alguém tem interesse em ver determinado programa e não se faz silêncio, ou quando não há consenso quanto à escolha do canal, ou ainda quando as crianças se distraem e não comem.

Pereira (1998) encontrou também casos em que, a TV não estando no mesmo local das refeições, está presente ao ser ouvida de outro cômodo. Em alguns lares, desligar o aparelho é um ato deliberado, o que observou apenas em famílias de nível sócio-econômico alto, o que indica diferentes usos que se faz da TV em diferentes classes sociais, estilos de vida e o que representa para essas famílias a TV e a refeição.

[...] ligar ou não a televisão durante a refeição remete para estilos diferentes de conceber e organizar a vida cotidiana, para diferentes padrões de educação e comunicação familiar. Genericamente, podemos considerar duas situações: se a televisão está ligada enquanto se come, ou se se come enquanto se vê televisão. Em nossa opinião a questão está em saber distingui-las (Pereira, 1998, p. 161).

Considerando a interação das famílias no dia-a-dia, a autora notou também a televisão como refúgio e evasão de problemas, sejam eles pessoais, profissionais ou familiares; como *baby-sitter* dos filhos; como forma de companhia, de criar ambiente; e, como forma de passar o tempo. Ou ainda, como meio de facilitar a comunicação, como pretexto para conversas em que se ilustram opiniões, acontecimentos, situações específicas, antes e durante o momento em que se assiste a TV.

A partir das reflexões apontadas no estudo realizado em Portugal, observamos como essas questões e papéis da TV aparecem no momento das refeições familiares de nossos entrevistados, considerando se a televisão está ligada enquanto se come, ou se se come enquanto se vê à televisão, assim como os diferentes usos do aparelho.

2 Materiais e métodos

Utilizamos questionários e entrevistas como forma de acesso à realidade concreta de nossos entrevistados. Com a aplicação do questionário buscamos observar seus perfis socioeconômicos; e com as entrevistas observar valores, normas, representações e símbolos próprios dos grupos aos quais pertencem (Thiollent, 1982), aspectos importantes para a análise qualitativa, que prioriza a “profundidade” ao invés de uma “intensividade” quantitativa. Utilizamos uma amostragem por acessibilidade ou conveniência adequada em estudos em que não é requerido elevado nível de precisão (Gil, 1999).

Desse modo, procuramos não limitar ou direcionar muito as respostas, tentando captar como se dão as refeições noturnas, a presença da TV nas mesmas e os valores e sentimentos relacionados aos hábitos alimentares, ouvindo o que demonstravam interesse em falar sobre a TV no jantar, procurando não interromper as entrevistas, valorizando experiências e saberes.

Estabelecemos como local de pesquisa o *Campus* Santa Mônica da UFU, buscando com este recorte observar a TV nas refeições familiares de homens e mulheres, em diferentes faixas-etárias e grupos sociais, tendo acesso não só aos estudantes, como também a professores, funcionários, terceirizados que prestam serviços, funcionários de estabelecimentos comerciais e agências de serviços. Nossa proposta inicial era estratificar a amostra de acordo com as proporções entre essas categorias, o que não foi possível, pois os dados disponíveis são do conjunto da UFU, não especificados por *Campus*.

Entendemos que, numa continuação deste estudo, com ampliação do número de entrevistas, a variedade de profissões, idades e perfis socioeconômicos assim obtida, poderá propiciar a análise da influência desses fatores nos hábitos que observamos.

Os nomes dos participantes citados são fictícios uma vez que garantimos o anonimato. Apenas foi mantido o nome de um entrevistado, por ter o mesmo explicitado essa vontade quando publicássemos o trabalho. Tentamos caracterizar as pessoas quanto ao sexo dando nomes femininos às mulheres e masculinos aos homens, mantendo suas idades e ocupações no *Campus*.

Em nossas pesquisas bibliográficas utilizamos livros e artigos impressos ou publicados na *internet*. No questionário as questões foram impressas e respondidas pelos participantes. Para a realização das entrevistas empregamos gravadores, ou quando entrevistados não se sentiam à vontade diante do aparelho, anotações posteriores.

3 Resultados e discussão

No total foram entrevistadas 38 pessoas: 16 alunos, 6 funcionários, 6 professores da UFU e 10 prestadores de serviços, entre eles funcionários de empresas terceirizadas e de agências que prestam serviços, além de comerciantes. Desses entrevistados, 14 são homens e 24 mulheres.

Tendo em vista que a maioria de nossos entrevistados são estudantes universitários, a escolaridade predominante é o ensino superior incompleto, que corresponde também à escolaridade de 2 funcionários da instituição e de pessoas que trabalham para prestadoras de serviços na mesma. Aqueles com ensino superior completo e pós-graduação correspondem a professores e alguns funcionários da UFU. As pessoas de ensino médio completo são: uma funcionária da UFU e os outros dois de prestadoras de serviços. Os três entrevistados com ensino fundamental ou fundamental incompleto correspondem a funcionários de prestadoras de serviços.

Entrevistamos 18 pessoas com idades entre 18 e 23 anos que são estudantes e funcionários de prestadoras de serviços e uma estudante com 60 anos. Além disso, outras 19 pessoas, professores, funcionários de agências e da UFU tinham entre 28 a 56 anos.

Podemos também observar que 47% habitam domicílios que abrigam famílias nucleares em que se mora com os pais, irmãos, ou cônjuge e filhos. As demais configurações domiciliares observadas são pessoas que moram apenas com os filhos, ou de filhos com apenas um dos pais, sendo que nessa configuração observa-se a predominância de filhos morando com as mães. Mora-se também em menor quantidade com familiares: irmãos, tias, avós e também com não aparentados, colegas de faculdade em repúblicas estudantis.

A maioria, 65% são de solteiros, na maior parte jovens estudantes, porém encontramos 7 pessoas entre 38 e 45 anos solteiras, estando entre elas as 5 pessoas (14%) que moram sozinhas.

3.1 A principal refeição

Na busca por compreender o papel exercido pela televisão no jantar, que pensávamos ser a principal refeição do dia, nos deparamos com o fato de que, para nossos entrevistados, a principal é aquela realizada na metade do dia, o almoço, como podemos observar no gráfico

abaixo que ilustra a principal refeição das 37 pessoas que responderam a questão:

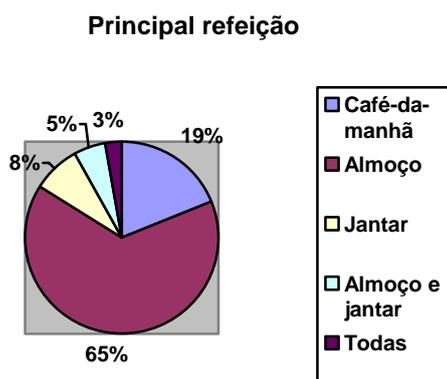


Gráfico 1

É interessante notar que a valoração dessa refeição como principal, para a maioria, não está relacionada à sociabilidade possibilitada por ela. Para 63% das pessoas o fator central é uma questão basicamente alimentar e nutricional, como podemos ver de modo representativo nas citações seguintes, em que ora a refeição mais importante é considerada a mais saudável:

Porque eu acho que é fundamental o almoço, né? Porque no almoço cê come é comida **saudável**⁷, arroz, feijão, uma carne, uma salada a janta a mesma coisa. Então pra mim o almoço e a janta é fundamental (João – 42 anos – Funcionário terceirizado).

Ora a mais completa:

[...] a única refeição realmente completa, porque eu como arroz, feijão, a carne, ou outra proteína, e verduras, saladas, então eu acho que é a **mais completa, porque tem todos esses nutrientes, bom falam né?** Mas eu considero o almoço (Larissa – 20 anos – Estudante).

Ora aquela que é reforçada ou dá energia:

Pra mim é o almoço que é mais **reforçado**, e no caso **nós que trabalhamos aqui [na limpeza da UFU], o almoço pra nós é essencial** (Márcia – idade não informada – Funcionária terceirizada).

Pra mim é o almoço, porque ele é a base, né? Onde, né, é aonde você tem a **energia** para o dia inteiro (Flaviane – 21 anos – Estudante).

As valorações são, portanto, relativas à questão mais nutricional da refeição, dar energia para um dia de trabalho ou estudo, ter todos os nutrientes, ser saudável. O que podemos dizer que está fundamentalmente ligado à “correria do dia-a-dia”, citada principalmente por estudantes e prestadores de serviços no *Campus*, que também estudam.

⁷

Os grifos nas citações são todos nossos.

É recorrente o relato de que a principal refeição seja reforçada, porque às vezes a pessoa vai demorar para se alimentar novamente, o que pode ser visualizado com as seguintes citações:

[...] como um pouquinho só no café da manhã, **almoço tenho que comer bem porque eu não janto** (Rafaela – 20 anos – Funcionária de loja no *Campus*).

[...] às vezes, almoço na correria do dia a dia, faculdade, **às vezes não dá tempo** de almoçar, então eu fico comendo salgado, comendo **bobeira** o dia inteiro, **mas o café da manhã é bem tomado** (Laís – 22 anos – Estudante).

É a hora que eu **como mais pra não me dar** fome à tarde porque eu passo geralmente fora de casa (Lucia – 23 anos – Estudante).

Tudo indica que essa valorização do aspecto nutricional da principal refeição está relacionada com a imersão de nossos entrevistados num modo de vida moderno, urbano e acelerado em que, como vimos nos trabalhos de Abdala (1999, 2003) e de Rial (1996), os modos e tempos de comer são subvertidos e re-estruturados pela constante atividade. Além disso, como coloca Simmel, nossa organização racional do tempo nem sempre possibilita o encontro e descanso nas refeições. Esses fatos podem estar contribuindo para o esquecimento ou não valorização de outras esferas da alimentação e para o tratamento desta por sua “utilidade”, característico da contemporaneidade, como apontado por Miranda (1996), ou por sua necessidade ou função biológica.

O segundo fator de valoração lembrado por 7 pessoas (17 %) não deixa de estar profundamente ligado ao tempo ou a falta dele, por motivo de trabalho e estudos e ao desejo de tranquilidade:

Porque pra mim assim, é o momento de mais tranquilidade, pra **comer mais tranqüilo**. É o café da manhã (Cibele – 44 anos – Estudante).

Tranquilidade para alguns, também relacionada ao poder parar e ver TV como para a entrevistada abaixo:

[...] é a única que eu **tenho tempo de tá tranqüilinha, às vezes até sento na frente da televisão** é o almoço é a única, mais importante pra mim (Lídia – 28 anos – Funcionária de loja no *Campus*).

Um terceiro fator relativo à principal refeição, valorizado por 5 entrevistados (14 %) foi estar com a família:

[...] acaba sendo o jantar mesmo, porque como eu fico o dia inteiro fora, meu marido também e meu filho fica na escola, **é no jantar que a gente tem mais a oportunidade de fazer uma refeição junto**[...] (Kátia – 23 anos – Estudante).

É, porque é o almoço, é a refeição que nós **fazemos em casa com todos os membros à mesa**. É o horário em que nós estamos só para aquela ocasião do almoço, **estamos reunidos** eu, minha esposa e os meus dois filhos à mesa, no café da manhã isso não acontece porque depende muito da dinâmica do meu trabalho, do trabalho da minha esposa e dos horários de sono e de atividades dos filhos, não é? E o jantar menos ainda (Murilo – 40 anos – Professor).

A lembrança da família, que remete ao caráter social da alimentação, mesmo que não ocorra na definição da principal refeição, permeia a fala de cerca de 35% de nossos entrevistados, 7 pessoas com idades entre 40 e 51 anos (que correspondem a 58,3% dessa faixa-etária) e 18,42% do total de entrevistados e 6 pessoas entre 18 e 23 anos que correspondem a 33,3 % dessa faixa de idade e 15,7% do total. O que nos leva a crer que haja uma diferenciação para esses grupos de idade em relação à valoração da alimentação e conseqüentemente de sua significação.

3.2 O jantar

Quanto ao significado da refeição noturna, do jantar, observamos que não tem muita importância, às vezes nem é feito, ou às vezes tem-se a necessidade de comer algo antes de dormir, porém não necessariamente a “janta”:

[...] assim eu não ligo muito pra janta, pra jantar, eu tenho que comer às vezes alguma coisa antes de dormir, mas não necessariamente comida, né? Às vezes pode ser um lanche, alguma coisa assim (Marcela – 21 anos – Estudante).

[...] mais pra num me dar fome no finalzinho da noite mesmo (Lucia – 23 anos – Estudante).

Para outros jantar “engorda”. Ou é “pesado” para quem trabalha ou estuda até mais tarde.

Alguns refletem sobre o sentido do jantar em relação à sua família, seja neste caso em que se dá conta da refeição em casa:

Na minha família não tem muita importância, porque cada um janta num lugar, não é todo mundo que janta e é muito difícil jantar a família toda junta (Júlia – 18 anos – Estudante).

Seja atribuindo significação a essa refeição somente quando realizada com sua família, na cidade de origem, para aqueles estudantes que moram fora:

Na verdade o jantar pra mim tinha significado quando eu morava em Sacramento [...] todos nós, jantávamos em casa porque meu pai trabalhava, de manhã ele não almoçava em casa, então ele só jantava, então jantava, jantava todo mundo junto, era uma coisa que todo mundo fazia, então era todo dia o jantar, era uma coisa, agora em Uberlândia eu nem, costume mais

jantar [...] o que em Sacramento ainda acontece (Larissa – 20 anos – Estudante).

Ou para um pai separado que vive longe dos filhos, que diz que quando está com eles o significado de seu lanche feito à noite muda, pois: “Aí é uma pizza, também porque a gente conversa, conta história, enfim [...]” (Otávio – 51 anos – Professor).

Quanto ao que se come observamos que, ao contrário do que Visser (1998) observa no jantar dos Estados Unidos, em que essa refeição passa a ser cada vez mais qualquer coisa que se come à noite, nossos entrevistados fazem uma distinção entre lanche e “janta”, o que Rial (1996) também observa na distinção feita pelo brasileiro entre comida de verdade e lanche. No entanto, em alguns desses casos, observa-se uma associação entre janta e comida pesada em oposição ao lanche, sopas e frutas, considerados leves em se tratando do horário, que, para alguns, devido aos tempos de trabalho e estudo, passa a ser cada vez mais tarde. Essa situação foi observada na maioria das entrevistas com pessoas que estudam e prestam serviços no *Campus*.

Notamos que a maior preocupação com a comida pesada no jantar, devida ao horário, assim como a de não engordar, ocorre por parte das mulheres, 37,5% delas (9 de 24, enquanto apenas um homem dos 14 se referiu a essa questão). Essas pessoas comem algo mais leve, salvo um caso em que mesmo com a preocupação se janta.

O jantar é lembrado como o mesmo do almoço: arroz, feijão, salada, carne. Com algumas variações como legumes e ovos, menos citados e acompanhamento por suco e frutas no caso de quem come no Restaurante Universitário (RU).

Quanto às refeições “mais leves”, sopas ou lanches, os mais citados são: sanduíches (pão, presunto e queijo), queijo quente, hambúrguer, leite e pão, bolacha, chás, pizza, pão de queijo, biscoitos, vitaminas, sucos, salgados, cachorro-quente, frutas e barra de cereal.

Conforme o gráfico a seguir, observamos certa igualdade entre quem somente janta ou lancha:

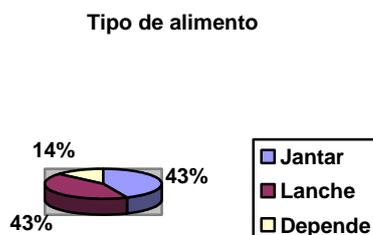


Gráfico 2

Embora possamos dizer que, mesmo esporadicamente, o lanche está presente nas refeições noturnas de 57% das pessoas entrevistadas, não é possível dizer que se tornou um hábito consolidado para a maioria delas.

No geral, observamos que a maioria das pessoas que mora com alguém realiza pelo menos uma refeição com quem coabita, mesmo que essa refeição não seja o jantar.

Durante o jantar vimos que 15 entrevistados (39%) costumam fazer essa refeição sozinhos, 9 (23,6%) a fazem às vezes sós, às vezes acompanhados por algum familiar, colega, ou amigo e 14 (36%) acompanhados na maioria das vezes por familiares. Embora mais da metade tome essa refeição pelo menos “às vezes acompanhados”, não deixa de ser significativa a quantidade de pessoas que a fazem sozinhas, na maioria das vezes por diferença de horários para essa refeição entre os membros da família, ou por morarem sozinhas.

A definição da refeição principal pela presença da família é observada para 3 entrevistados para os quais a principal refeição é o almoço e 2 para o jantar, não sendo este último, em geral, a refeição apontada como aquela que possibilita em grande parte a reunião familiar.

Percebemos também que a diferença de horários de se comer à noite, por vezes associada a dietas diferenciadas, poderia interferir na socialização pela partilha do alimento de que tratam Simmel (2004) e Ortiz (1996). Porém, dos três casos em que observamos essa situação, em dois deles, mesmo comendo coisas diferentes e em horários diferentes, a família estava em contato. Para uma entrevistada o principal do jantar é:

[...] é o mais importante justamente por isso, por chegar em casa e o retorno mesmo, reencontrar meus familiares, meu filho principalmente, que tá chegando da escola (Laura – 43 anos – Funcionária de agência prestadora de serviço no *Campus*).

Ao entrevistarmos homens e mulheres – sendo que a maioria de pessoas que se disponibilizaram a nos dar entrevistas foi do sexo feminino -, encontramos uma diferenciação baseada no sexo na significação do jantar como pesado e a busca por comer algo mais leve, por parte do sexo feminino. Provavelmente, isso ocorre devido a maior preocupação da mulher com a saúde e padrões de beleza.

Com a análise de nossos dados e tendo como base as discussões de Segalen (2002) a respeito dos rituais e de Simmel (2004), Visser (1998) e Poulain (2006) em torno da alimentação podemos apontar que as mudanças observadas em relação à estrutura das refeições no que diz respeito ao que se come, onde se come e com quem se come acarretam

alterações nos significados e formas de ritualização que os expressam, visando a adaptação a novos contextos e necessidades. Tais mudanças também foram observadas em outra pesquisa sobre alimentação de alunos da UFU:

Dessa forma, concordamos com Rial que as mudanças na alimentação contemporânea não caracterizariam uma ausência de estrutura, que oporia a refeição (estruturada) a tomadas alimentares (não estruturadas), mas significariam novas estruturas construídas pelos atores de acordo com suas necessidades atuais e contextos que vivenciam (Araújo; Abdala, 2009, p.21-22).

3.3 A refeição e a TV

Considerando primeiramente o número de televisores e o local em que se situam, a que Pereira nos chama a atenção em relação ao hábito de ver TV em família, observamos que normalmente se tem uma TV na sala e outra em cada quarto, até três no total, por casa (apenas dois entrevistados possuem em casa mais de uma TV localizada somente nos quartos). Não encontramos nenhuma pessoa que não tivesse aparelhos essenciais, como geladeiras, mas que possuísse TV, como coloca Junior (2005). Encontramos sim uma entrevistada que não possui TV por opção.

As TV's se concentram principalmente nos quartos e nas salas. Nos cômodos destinados à refeição, seja a copa ou cozinha, a TV está presente em menor quantidade, porém essa distribuição não é determinante em relação à presença da TV nas refeições noturnas, pois janta-se ou lancha-se tanto em salas de jantar que não tem TV, como no sofá da sala em frente à TV, na cozinha, varanda e até mesmo nos quartos em que os aparelhos estão presentes.

Nas situações em que a TV não se localiza no cômodo em que se toma a refeição, o aparelho não deixa de estar presente, pois às vezes fica-se escutando o que se passa e quando algo interessa se dá uma “saidinha” pra ver o que está passando.

No gráfico abaixo podemos ver quantos entrevistados tem a TV presente na refeição:



Gráfico 3

Das 38 pessoas entrevistadas apenas 14 não tem o hábito de jantar em frente à TV.

Os motivos para esse hábito são encontrados no fato de se fazer as refeições durante a semana no RU, que não tem TV, pela opção de pais de filhos pequenos que acreditam que a TV possa atrapalhar as crianças ou por se chegar tarde em casa.

O que mais nos chama a atenção é a preocupação por parte de famílias com filhos pequenos, configuração que corresponde a 3 dos participantes (7,8%), de que a TV não atrapalhe a alimentação das crianças. Citamos dois desses três casos:

[...] televisão a gente distrai, tem um irmão que se por uma televisão lá ele não come [...] (Tiago – 19 anos – Estudante).

[...] existe uma regra em casa [...] na hora das refeições a televisão tem que tá desligada, não é? Então quando a gente vai almoçar, por exemplo, mesmo que as crianças estejam na televisão a gente chama, eles desligam a televisão e nós nos sentamos à mesa para comer, né? [...] à mesa que é o lugar mais confortável para comer, e você olha olho no olho, não fica entretido com o que está aparecendo na televisão, televisão lá em casa é lazer mesmo, né? A gente procura não misturar muito não (Murilo – 40 anos – Professor).

Quanto a desligar a TV para a refeição, que Pereira observou apenas com pessoas de nível sócio-econômico alto, observamos tanto na faixa de renda de 500 a 1.500 reais, 3.000 a 5.000 reais e 7.000 a 10.000 reais, uma pessoa em cada faixa de renda.

O não ver TV também é relacionado ao sabor, ou à falta de senti-lo, ou como algo que atrapalhe a refeição de todos, notada nos dois casos que se seguem:

A gente não sente o gosto do alimento e depois que cê acaba parece que cê não almoçou, não comeu (Otávio – 51 anos – Professor).

Não tá presente porque se estiver ninguém come (Tiago – 19 anos – Estudante).

Para boa parte em que certamente a TV está presente ou está apenas de vez em quando, percebemos interrupções e retiradas da mesa para ver algo interessante e o fato de se conversar menos para ver TV, tanto por parte daqueles que comem na sala em frente à TV ou à mesa, onde às vezes também se tem televisão ou se fica ouvindo da sala:

[...] se tá passando o jornal eu até deixo de jantar pra mim poder assistir o jornal, num é? E mesmo quando tá passano novela, tem algumas cenas que tá passano, que a gente tá seguino, que a gente, o brasileiro tem o hábito de seguir novela, né? Eu mesmo tenho, então **a gente acaba até parando de jantar, pra dar uma atenção na televisão** (João – 42 anos – Funcionário terceirizado).

Televisão não me atrapalha muito, mas meu pai atrapalha um pouco, quando a gente tá na cozinha conversando alguma coisa e tá atrapalhando o jornal,

ele levanta e vai comer na sala, porque tá atrapalhando e ele quer ouvir, sabe? (Carla – 18 anos – Estudante).

[...] às vezes tá passando ali um capítulo, não pra mim, entendeu, mas meus filhos, meu esposo, né? Eles gostam de ver. Eu não bato muito o olho, eu gosto muito mais é do jornal, né? Mas ali eu tô com ele, eu tô acompanhando, né? **Algumas cenas assim que eu vejo que eles tão fazendo suspense, é a hora que a gente para de mastigar pra poder olhar, né?** É a hora da novela mesmo (Márcia – idade não informada – Funcionária terceirizada).

[...] a gente deixa ela [TV] ligada e a gente começa a janta e conversa e tudo, aparece alguma notícia que a gente tá interessado, aí **a gente pede, “não perai só um pouquinho”**, ouve a notícia, é que às vezes costuma ser é no horário ser igual aos dos jornais sabe? (Ryhã – 21 anos – Estudante).

É interessante o fato de que mesmo pessoas que têm costume de fazer uma refeição com a família sem a TV, quando não estão acompanhados assistem-na:

[...] raramente, no almoço mais vezes, porque eu almoço sozinho e eu não dou conta de ficar na mesa assim, uso a televisão pra entreter um pouco, a cabeça enquanto eu almoço, mas o jantar é todo mundo lá na mesa (Diogo – 20 anos – Funcionário de loja no *Campus*).

Observamos também certa associação entre o tempo que se tem para comer e o tempo para ver TV:

Parece que é a única hora que a gente tem pra ver televisão é quando tá comendo, parece que é quando a gente fica livre (Karina – 20 anos – Estudante).

Para a única entrevistada com mais de sessenta anos, a TV desempenha um papel fundamental em sua vida, pois relata ficar muito sozinha, quando os filhos saem. Quanto ao que come, é interessante notar que costuma lanchar, apesar de gostar de fazer comida quando tem mais pessoas. A TV configura-se para além de modo de entretenimento, como uma espécie de “companhia”, quando não se pode estar com outros.

Quanto ao que se come, o local em que se come e a TV, percebemos não haver uma dificuldade ou grande desconforto quando a TV está presente, seja lanche ou refeição, seja na sala, no quarto ou na cozinha.

Já o computador, outro aparelho para o qual não tínhamos atentado inicialmente, apareceu em poucas entrevistas, porém de forma significativa. Nesses casos é fundamental a diferença entre o que se come e a presença ou não do computador, o que não observamos em relação a TV.

Para uma entrevistada:

A televisão pra mim não faz tanta falta, tanto faz estar ligada ou não [...] não me atrapalha tanto, mais o computador porque eu como mais rápido pra ir

pro computador, **não como na frente do computador porque não dá é desconfortável, mas se desse também!** (Lucia – 23 anos – Estudante).

Outra pessoa, questionada sobre seu local de jantar, nos responde:

[...] em qualquer lugar que eu tiver, porque muitas das vezes por eu não jantar uma refeição equivalente ao almoço, por exemplo, eu como na frente da televisão, do computador, ou eu saio pra comer alguma “bobera” na rua (Laís – 22 anos – Estudante).

A rapidez em comer a fim de ir para o computador, apontada por Lucia, não foi citada em relação a TV. Embora alguns comam em poucos minutos (come-se desde 10 a 15 minutos até 20 a 30), não podemos inferir que é devido à presença da TV. Dois entrevistados citaram o fato de que, devido a conversas, o tempo pode se estender.

Apenas 3 entrevistados se referiram a refeição como um momento silencioso, o que poderia nos remeter ao sagrado do momento. A esse respeito, de acordo com Cascudo (1983), o silêncio das refeições brasileiras se dava pela crença de que a refeição seria um ato religioso na presença de anjos. O autor afirma ainda que o costume de conversas a mesa é uma herança européia, pois a refeição de índios e africanos ocorria de modo calado e apressado.

Um outro aspecto observado por Hamburger, (1998), Junior (2005) e Muniz (2008) é que a TV passa a ser assunto comentado nas conversas. Nosso questionamento inicial era que esse fato poderia servir como forma de se evitar questões relacionadas à própria família. A esse respeito, percebemos que, para aqueles que conversam ao comer (no total 20 pessoas afirmaram sempre conversar), apenas alguns constantemente falam da TV. A maior parte das pessoas trata de assuntos da própria família, aproveita pra saber o que foi feito durante o dia ou o que vai ser feito. O momento do jantar, mesmo com a presença da TV, serve também para alguns pais como momento de chamar a atenção dos filhos.

É interessante destacar o questionamento por parte de alguns jovens quanto ao relacionamento com a família durante refeições, devido à interferência da TV:

[...] meus pais, que sei lá eles ficam, mais em televisão e tal sabe, aí geralmente meu pai vai pra um cômodo escutar rádio, num sei sabe, aí **eu tento acompanhar ele, mas nem sempre eu consigo [...] geralmente o jantar é bem calado, né?** (Jonathan – 21 anos – Estudante).

[...] a mesa lá em casa, meio que não serve para as refeições, todo mundo põe comida, **sai, já corre pro sofá pra assistir televisão [...] ninguém conversa, fica todo mundo vidrado na televisão** (Júlia – 18 anos – Estudante).

Esses depoimentos, embora minoritários, configuram a possibilidade de dispersão ou individualização no ver TV e comer, mesmo que as pessoas estejam próximas. Individualização esta possibilitada não só pela presença da TV, mas também pela invasão dos

tempos de trabalho e estudo na casa, que subvertem os tempos de se estar nesse local com a família e de comer com esta.

4 Conclusão

Podemos concluir que para o grupo analisado a definição da refeição principal está relacionada a uma composição que propicia saúde e energia, mais do que o encontro e a socialização. Nesse sentido, a “janta” aparece em poucos relatos como a principal refeição do dia, pois sua composição pode variar entre um simples lanche e uma verdadeira “janta”, associada à “comida de verdade” já percebida em outros trabalhos.

Vimos que são constituídas novas formas de estruturação, ritualização e significação da alimentação, de modo que se adapte às necessidades vindas das mudanças sociais vivenciadas, do mesmo modo que se buscam outros momentos para o encontro na tentativa de conciliar os diferentes horários do grupo familiar ou daqueles que habitam o mesmo espaço.

Dessa forma, observamos que o jantar pode não ser uma refeição que reúna os membros da casa em socialização e ritualização, porém boa parte das pessoas que entrevistamos constroem momentos que equivalem ao dessa refeição, seja nas demais refeições do dia, seja em um momento extra cotidiano em que se retorna a cidade de origem e se come com a família; em finais de semana; ou quando se reencontra com parentes que vivem afastados; e mesmo próximos que nem sempre estão em contato; ou até quando se recebe visitas.

Percebemos, também, que não é a TV em si que impossibilita um diálogo costumeiro nas refeições, ou a ritualização e atribuição de sentido para além da alimentação propriamente dita no jantar, sim os usos que se faz desse meio, pois observamos pessoas, principalmente com filhos pequenos, que desligam a TV para comer com a família. Além disso, a maioria declarou tratar de assuntos da própria família quando se reúne para as refeições.

Porém, quando ligada, a TV, mesmo que como pano de fundo, em local separado, está pronta para entrar em cena assim que algo chamar a atenção causando pausas na alimentação e no momento de socialização familiar. Assistir a TV enquanto se come e comer enquanto se assiste a TV são atitudes que se mesclam.

Foi na fala dos jovens que a perspectiva de uma maior individualização e interferência da TV nas refeições foi citada, embora formas de individualização ocorram nas demais faixas etárias. Dentre as pessoas entrevistadas, notamos que os principais fatores que contribuem para tal perspectiva são a dinâmica do dia a dia ou o fato de morarem e comerem sozinhas, mais do que a presença da televisão.

Embora não caibam generalizações, parece inegável que a mesa doméstica aos poucos perde sua força como espaço ritual das refeições, que podem ocorrer em diferentes lugares da casa ou mesmo fora dela. A estrutura das tomadas alimentares também se altera assim como o tempo a elas dedicado. O hábito de jantar daquelas pessoas que estudam ou trabalham e principalmente dos que estudam e trabalham parece especialmente afetado pelas mudanças. Percebe-se um declínio do consumo de “comida de verdade” nesse horário, assim como Abdala (2003) havia notado nos casos das famílias que almoçam cotidianamente nos *self-services* e praticamente não jantam mais.

De outro ângulo, a pesquisa de Araujo e Abdala (2009) sobre o almoço de universitários da UFU, aponta alterações também na estrutura alimentar dessa refeição. Mantem-se o hábito de almoçar, mesmo que isto signifique uma duração média entre 15 e 20 minutos ou menos. No entanto, as pessoas recorrem a lanches no horário, cujos gastos geralmente se igualam ou se sobrepõem ao que se gasta com “comida de sal” (refeição composta por arroz, feijão, carne, legumes e verduras). Padrões ou estruturas rígidas de comportamento à mesa não fazem parte da rotina. A significação do almoço, não corresponde mais, necessariamente, ao momento sagrado de partilha e identidade familiar diárias, embora não deixe de ser momento de usufruir o estar junto.

Portanto, o modo de estruturar as refeições aponta mudanças, mas o modelo ideal que orienta a percepção das refeições permanece sendo o da casa, importante referência, seja quanto à comida, ao horário ou ao fato de se procurar uma companhia.

Referências Bibliográficas

ABDALA, M.C. Do tabuleiro aos *self-services*. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v.13, n.16, p 97-118, 2005.

_____. Formas de sociabilidade no momento das refeições – a interferência da TV. Projeto de pesquisa apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFU, Uberlândia. Maio de 2007.

_____. Mesas de Minas: as famílias vão ao *self-service*. São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, 2002. 193 p.

ANDRÉ, M.; LÜDKE, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

ARAUJO, S.A.S.; ABDALA, M.C. A desconstrução de hábitos alimentares entre jovens universitários. Relatório final de Iniciação Científica apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFU, Uberlândia. fev. 2009.

ARIÈS, P. A família. In: ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 195-279.

_____. Por uma História da vida privada. In: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (Org.). História da vida privada. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p. 7-19.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 411-438.

BRITTOS, V. C. TV a cabo: a dispersão da audiência. Disponível: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-tv-cabo-dispersao.pdf>: Acesso em: 15 de jan. de 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da alimentação no Brasil. v.2. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983. 950 p.

DAMATTA, R. Conversa para receber leitor. In: DAMATTA, R. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.11-29.

_____. Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: DAMATTA, R. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.31-69.

ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 277p.

EUFRÁSIO, M.A. A temática da sociabilidade na escola sociológica de Chicago. Sociabilidades. São Paulo: Laboratório de análises de sociabilidades, USP, 1996. p. 37-44.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999. 206 p.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, L. M (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 440-487.

_____. A especificidade da indústria televisiva brasileira. In: HAMBURGER, E. O Brasil antenado: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 21-38.

JANTAR com os pais melhora a alimentação dos filhos. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u337758.shtml>. Acesso em: 10 de mar. 2010.

JUNIOR, L . Apresentação. In: JUNIOR, L (Org). A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.p. 15-16.

JUNIOR, L .; PENHALVER, A. Com televisor, sem geladeira. In: JUNIOR, L (Org). A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.p. 21-22.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1990. 231p.

MIRANDA, O. A sociabilidade na teoria de Tönnies. Sociabilidades. São Paulo: Laboratório de análises de sociabilidades, USP, 1996.p. 19-24.

MUNIZ, E. Telenovela: sedutora pelo clichê e pelo mito. Disponível: www.Eloamuniz.com.br. Acesso em: 15 de set. de 2008.

ORTIZ, R. Mundialização e cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 234 p.

PENHALVER, A. Dieta e TV. In: JUNIOR, L (Org). A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.p. 45-46.

PEREIRA, S. de J. G. *A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*.1998.Disponível:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4265/1/TVnaFam%c3%adlia.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2007.

PESQUISA mostra que brasileiros comem mal. Disponível:
<http://www.espasaude.com.br/pdf/frituras.pdf>. Acesso em: 26 jan. de 2009.

PESQUISA mostra que brasileiros comem mal. Folha de São Paulo, 17/02/2008. Cotidiano, p.3.

PIZA, D. Prefácio: muito além de fofocas e mumúrias. In: JUNIOR, L (Org). A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.p.11-14.

POULAIN, J P. Sociologias da alimentação. Florianópolis: UFSC, 2006. 209 p.

RIAL, C. S. *Fast-foods: a nostalgia de uma estrutura perdida*. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, n. 4, p.94-103, 1996.

SCHWARCZ, L. M. Introdução. Sobre semelhanças e diferenças. In: SCHWARCZ, L. M. (Org). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.7-11.

SEGALEN, M. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.161 p.

SIMMEL. G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO. O.G (Org). O fenômeno urbano. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p. 11-25.

_____. Sociologia da refeição. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 33, p.159-166, 2004.

THIOLLENT, M. J.M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Editora Polis, 1982. 270 p.

VISSER, M. O ritual do jantar: as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 430 p.

WAIZBORT, L. George Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. Sociabilidades. São Paulo: Laboratório de análises de sociabilidades, USP, 1996.p. 25-30.